

Documento ad usum et beneficium

Postilla Religiosa, e arte de enfermeiros

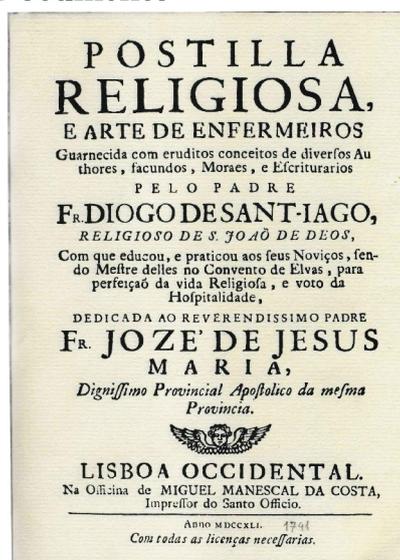
Manuel Alves Rodrigues*

Introdução

Damos início a um périplo heurístico, na tentativa de descobrir publicações relacionadas com a história da profissão de enfermagem que contribuíram para o seu desenvolvimento, “ad usum et beneficium”, enquanto arte e disciplina do conhecimento.

Neste número da Revista Referência, deixamos ao conhecimento do leitor uma obra rara, da qual existem poucos exemplares originais e que foi disponibilizada à editora pela Academia das Ciências de Lisboa.

O Documento



* Coordenador Científico da ViCiSa-dE e Director da Revista Referência

Obra da Auctoridade de Fr. Diogo de Santiago, Religioso de S. João de Deus, com o título: Postilla Religiosa, e arte de Enfermeiros, publicada em 1741 (MDCCXLI).

A edição fac-símile da Alcalá Editores, de 2005, editada em parceria com a Ordem Hospitaleira de S. João de Deus, chegou às nossas mãos através da oferta generosa do Irmão Adelino Manteigas, Director do Instituto S. João de Deus, Casa de Saúde S. Rafael, oferta que muito agradecemos.

Comentários à obra

Na edição fac-símile de 2005, a apresentação é feita pelo Prof. Dr. Luís Graça, da Escola Nacional de Saúde Pública, Universidade Nova de Lisboa, o qual refere que a Postilla Religiosa e Arte dos Enfermeiros é o **primeiro manual de formação em cuidados de enfermagem de que há notícia em Portugal**, publicada em 1741 depois do necessário nihil obstat et imprimatur das autoridades civis e religiosas de então. A obra foi concebida como documento didáctico que o autor, Diogo de Santiago, usou para educar os seus Noviços do Convento de Elvas.

Ao que parece o livro não é pioneiro na Península Ibérica, porque a formação de Religiosos para a prestação de cuidados de enfermagem é mais antiga, e conhecem-se

outras obras, como seja, Instrucción de enfermeros, de Andrés Fernández (Madrid, 1617).

Referindo-se ao termo *postilla* (lat *postilla*, depois daquelas coisas), o Dr. Aires Gameiro, na introdução ao livro, diz que significa grosso modo, o mesmo que “sebenta”, ferramenta de aprendizagem muito famosa, no ensino universitário. Trata-se assim de uma obra didáctica de iniciação à vida religiosa e exercitação do voto de hospitalidade. Enquanto prática de enfermagem, oferece aos noviços “claras luzes em breves períodos”, mas com certo sentido de modernidade, como o próprio autor salienta. Fr. Diogo propõe cuidados de nível físico e espiritual, que se podem associar em muitos aspectos ao conceito actual de bem-estar integral e holístico, valorizando o factor humano e contestando o reducionismo científico e tecnológico, assunto muito actual.

De acordo ainda com o Prof. Luís Graça “Os capítulos do tratado II são, sem dúvida, os mais interessantes, do ponto de vista

da arqueologia dos saberes e das práticas de enfermagem”. Sem nunca pôr em causa a subordinação da enfermagem ao poder médico, o autor defende que o enfermeiro deve demonstrar experiência, crédito e sentido de responsabilidade pelos seus actos, dos quais depende a saúde dos enfermos.

A preocupação com a selecção e formação do pessoal de enfermagem, só se verifica nos finais do sec. XIX, de forma já secularizada, como é o exemplo em Portugal, da criação da primeira Escola de Enfermagem Portuguesa, pelo Prof Dr. António Simões, em 1881, hoje Escola Superior de Enfermagem de Coimbra.

Conclusão

Com a apresentação deste livro, damos força à ideia que as ferramentas que produzimos, são a marca do nosso trabalho. Obras como esta representam pequenos passos na história, no processo de construção do sentido de profissionalidade e do discurso científico da profissão de enfermagem.